

Versão Online

ISBN 978-85-8015-038-4

Cadernos PDE

VOLUME II

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
Produção Didático-Pedagógica

2007

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE

**OAC**

IDENTIFICAÇÃO

- \*Autora: Terezinha Aparecida Lazzarotto
- \*Estabelecimento: Colégio Estadual Lincoln Setembrino Coimbra F/M.
- \*Ensino: Fundamental
- \* Conteúdo Estruturante: discurso enquanto prática social
- \* Conteúdo Específico: as tiras diárias de jornal

1- RECURSO DE EXPRESSÃO

Problematização do conteúdo

- \* Chamada para o recurso de expressão:

Tira - recurso capaz de refletir sobre o uso da linguagem e permitir a apropriação de discursos socialmente construídos.

- \*Título: A tira de jornal como um recurso didático

- \*Texto:

Ainda é novidade, infelizmente, para muitos professores de Língua Portuguesa uma prática pedagógica a partir dos gêneros discursivos, trazendo muitas dúvidas de como efetivar o seu trabalho em sala de aula. Sob a perspectiva dos gêneros, o aluno deverá entrar em contato com uma grande diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente e que vêm e voltam, ao longo do ano e nas séries seguintes, de acordo com o grau de complexidade. Essas considerações não estão totalmente claras para alguns professores. Assim, o trabalho com as tiras de jornal vem lançar alguma luz sobre essa problemática, por contemplar a teoria dos gêneros, além de mostrar a possibilidade de uma análise diferente daquela apresentada, em sua maioria, pelos livros didáticos.

Muitos autores gostam de integrar em seu material didático as tiras, pois, o fato de utilizá-las parece caracterizar, por si, uma “moderna” proposta de ensino de língua. No entanto, elas têm servido para que os autores façam análises de questões da gramática tradicional, quando deveriam ser a porta de entrada para muitas reflexões sobre as atividades de linguagem e formação dos discursos.

Outro aspecto importante sobre o uso das tiras como recurso didático é a presença da linguagem não verbal, um forte chamariz para os adolescentes, atraídos por imagens rápidas que não lhes tomem muito tempo. Nesse sentido, as tiras atendem às expectativas, pois são compostas por uma série de quadros horizontais, geralmente, com número inferior a quatro, mas construídas através de processos ricos de linguagem. Fazem uso de uma linguagem metafórica e implícita, aliada aos desenhos e à escrita e permitem fazer uma reflexão humorística ou sarcástica sobre os problemas do cotidiano, com um final, quase sempre, inesperado. São escritas, geralmente, em linguagem mais informal, mostrando algumas mudanças sofridas no Português culto do Brasil, nesses últimos tempos, quando comparado com a norma padrão. Permitem, assim, ao professor trabalhar com a língua em uso, possibilitando a ampliação da capacidade lingüística do aluno e permitindo-lhe a apropriação de discursos socialmente produzidos.

Além disso, o trabalho com as tiras pode propiciar um maior contato dos alunos com os jornais. Sendo, pois, a tira um dos gêneros que circulam por esse meio, o professor pode refletir sobre a riqueza de gêneros textuais presentes no jornal, como o artigo, a crônica, a notícia, os textos de entretenimento e outros.

Considerando, enfim, tudo o que foi discutido, vale a pena transformar as tiras em aliadas do professor para refletir sobre a linguagem e contribuir na elaboração do discurso do aluno.

Referências:

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** São Paulo: Contexto, 2003.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens.** 5ª série, 4.ed. São Paulo: Atual, 2006.

## 2- RECURSO DE INVESTIGAÇÃO

### 2-1- Investigação Disciplinar:

\* Título: As tiras diárias de jornal

\* Texto:

O termo gênero foi bastante utilizado pela teoria literária e pela retórica. Os estudiosos de modo geral atribuem as primeiras classificações de gênero a Platão e Aristóteles, responsáveis pela definição de três formas genéricas fundamentais: o lírico, o épico e o dramático. Mais tarde, passou a designar também os gêneros modernos como o romance, a novela, o conto, o drama...

Foi Mikhail Bakhtin, provavelmente, o primeiro a empregar gênero em um sentido mais amplo, referindo-se aos textos empregados nas mais diferentes situações cotidianas de comunicação, sendo citado por muitos autores contemporâneos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Todo processo de comunicação verbal, segundo Bakhtin (1997), ocorre por meio de um texto oral ou escrito. Esse texto se concretiza materialmente e se corporifica em algum gênero, produzindo discursos em situações históricas, sociais e ideológicas. Nesse sentido, a língua é vista como uma forma de ação social - histórica que permite agir sobre o mundo e dizer o mundo, sendo, pois, a condição necessária para participar da sociedade. É através dela, que os homens se reconhecem como seres humanos e diferenciam-se dos outros animais; têm acesso a novas informações que ampliam e modificam seus conhecimentos. Nesse processo, usam palavras que dependem de quem as falam ou escrevem, como de quem as recebem, isto é, dependem da intenção e da imagem que o escritor/ falante faz de seu interlocutor. São frutos de uma relação dialógica entre o falante e seu ouvinte ou entre o escritor e seu leitor. Assim, todo texto é construído a partir de diversas vozes, que são formadas pelas palavras de quem as falam/ escrevem e pelas palavras dos outros, de quem os primeiros se apropriam, e as utilizam como se fossem suas. (BAKHTIN,1997)

Os sentidos do texto, segundo ainda o referido teórico, processam-se entre interlocutores em uma situação sócio-histórica e ideológica. Desse modo, o

texto é determinado pelas condições de produção de quem fala ou escreve. Quem o produz, o faz para alguém, escolhe sobre o que, para que, com que objetivo, quando, onde e como. Considerando-se o como e dependendo da intenção, o escritor/falante opta por uma variedade lingüística e por um gênero textual, dentre uma infinidade de outros gêneros que surgem, de acordo com a necessidade sócio-cultural dos homens. ( BAKHTIN,1997)

Todas as inovações tecnológicas pelas quais a humanidade passou, desde a invenção da escrita, imprensa, computador e a explosão da internet, entre outras, colaboraram para que surgissem novos gêneros tanto escritos, quanto falados, caracterizados muito mais por suas funções comunicativas e cognitivas do que pelas suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. Pois, o texto, ao se relacionar com um meio de comunicação, vai adquirindo suas particularidades organizacionais e funcionais. Assim como os gêneros surgem, podem desaparecer de acordo com a intensidade dos usos dessas tecnologias e a necessidade do homem se comunicar em seu dia-a-dia.

Dessa forma, como já foi dito, os falantes atuam sobre o interlocutor, realizam ações, estabelecem vínculos e compromissos, ressaltando o caráter sócio-interativo da língua. É a partir dessas ações sócio-discursivas que surge a noção de gênero. Entendê-la melhor é importante para uma prática pedagógica voltada à produção e compreensão de textos. Prática essa que permite ao aluno fazer do seu texto não apenas enunciados soltos (MARCUSCHI, 2003).

Bernard Schneuwly e Joaquim Doz (2004) compreendem o gênero como uma ferramenta, ou seja, um instrumento que possibilita estabelecer uma ação lingüística sobre a realidade que, além de ampliar a competência lingüística e discursiva dos alunos, aponta-lhes formas de participação social, que eles, como cidadãos, podem ter, fazendo uso da linguagem.

Os gêneros não se caracterizam nem se definem apenas por seus aspectos formais, estruturais ou lingüísticos, mas pelos seus aspectos sócio-comunicativos e funcionais. No entanto, a estrutura não deve ser desprezada, pois, em alguns momentos, ajuda a determinar o gênero. Ao ler um texto com a forma de poema - versos, estrofes, rimas... -, o leitor sabe que é um poema,

porque tem um modo de composição, estruturação, esquematização que lhe são próprios. Mas, o que determina realmente o gênero é a função. Um texto, por exemplo, pode ser escrito com as etapas de um texto instrucional – ingredientes e modo de preparo -, mas, após a leitura, perceber-se que, apesar de parecer texto instrucional, organiza-se em torno de um ponto de vista e de uma argumentação em sua defesa, transformando-se, neste caso, pela sua função, num artigo de opinião. Esse processo é chamado por Marcuschi (2003) de *intertextualidade intergêneros, hibridização ou mescla de gêneros*, em que um gênero assume a função de outro.

Muitas vezes, a noção de gênero é confundida com a de tipo textual. Naquela, predominam os critérios de ação social, circulação sócio-históricas, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composição. Nesta, predominam seqüências lingüísticas típicas, no interior do gênero, com um conjunto de características relativamente estáveis. Por exemplo, a tira e a piada possuem características mais ou menos semelhantes entre si: narrador, personagens, tempo, espaço etc, isto é, possuem a mesma seqüência lingüística típica da narração. Para Marcuschi (2003), os tipos textuais são basicamente: narração, argumentação, descrição, exposição (enunciados de identificação de fenômenos) e injunção (enunciados incitadores de ação em forma de perguntas ou com verbos no imperativo).

Um mesmo gênero pode ainda possuir várias seqüências lingüísticas típicas, isto é, um gênero com presença de vários tipos textuais. Por exemplo, o gênero carta pessoal pode conter, no mesmo texto, uma seqüência narrativa, uma argumentação, uma descrição... O mesmo teórico chama esse processo de *heterogeneidade tipológica*.

No ensino de Língua Portuguesa realizado a partir dos gêneros, o aluno deverá entrar em contacto com grande diversidade deles que vêm e voltam a ser estudados, em séries seguintes, de acordo com a sua complexidade, sem cair na normalização, tomando como ponto de partida a experiência com o gênero, não o conceito. (DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ – 2006, p.21) Porém, mesmo sabendo da diversidade de gêneros com que os alunos deverão entrar

em contacto, por uma questão de delimitação do tema da pesquisa, foi escolhido apenas um.

Mas, o que é uma tira diária de jornal e como surgiu esse gênero?

O termo veio do inglês *comic strips* e refere-se a uma seqüência de imagens, caracterizadas por uma série de quadros dispostos horizontalmente, normalmente, de número inferior a quatro; utiliza a linguagem verbal e não verbal. Pode ser conhecida também por tira cômica, banda desenhada, tira de jornal ou tira diária. Os quadros são usados para separar as vinhetas, podendo ser irregulares ou interrompidos se a cena for imaginária ou representar algum fato ocorrido em outro lugar. Dentro de cada quadro, aparecem os cenários, os personagens, os balões e os letreiros ou legendas. Apresentam um ou mais personagens principais e os coadjuvantes, ambos com os estereótipos bem caracterizados. Através dos traços, das expressões dos personagens e de uma linguagem implícita, o leitor pode inferir dados da história que, talvez, não apareçam no texto.

Embora a imagem seja extremamente importante, o texto escrito complementa a história. Normalmente, o tipo de letra escolhida é a de fôrma maiúscula ou recorre-se às versões especiais. Por exemplo, para indicar o tom de voz alto ou baixo, pode-se usar letra maior ou menor. Os diálogos e pensamentos dos personagens vêm dentro dos balões. Expressam fala, cochicho, sussurro, grito, xingamentos, suspiro... Podem indicar música ou conter outros sinais gráficos. Há ainda balões que indicam fala uníssona ou balões duplos; as legendas que exercem a função de narrador e as onomatopéias que são usadas para transmitir ruídos ( IANNONE, 1996).

Ao ver esporadicamente uma ou outra tira no jornal, o leitor menos avisado pode considerá-la apenas como uma história em quadrinhos, contudo, analisando um pouco de sua origem e especificidades, percebe-se que foi se transformando num gênero próprio.

As tiras, segundo o professor Marcos Nicolau em seu ensaio "*As tiras de jornal como gênero jornalístico*" (2007), surgiram nos Estados Unidos da necessidade de os jornais diversificarem seu conteúdo junto ao público e da

escassez de espaço para os jornalistas publicarem suas matérias. De lá, espalharam-se pelo mundo, revelando grandes cartunistas, os quais conquistaram muitos fãs, devido a seu caráter cômico .

Em alguns momentos de crise social da humanidade, em muitos países, foram capazes de burlar censuras e servir de crítica ideológica por trabalhar com uma linguagem verbal bastante metafórica e com desenhos. No Brasil, foi exatamente durante o período entre 1960 e 1980 que se expandiram, surgindo inúmeros cartunistas com tiras de teor político. Essas faziam uma reflexão crítica da realidade por mostrar os costumes e valores da sociedade da época. É esse caráter opinativo, como a crônica e o artigo, que permite fazer uma reflexão bem humorada ou satírica dos problemas do cotidiano.

Henrique Magalhães, em seu livro “*Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras*” (2006), afirma que o humor foi uma marca importante desde a origem dos quadrinhos, estabelecendo sua prática com a massificação dos jornais em fins do século XIX e que as ilustrações foram uma estratégia de sedução para alcançar o público iletrado que não tinha acesso a jornais. Com a popularização da imprensa, surgiram muitos quadrinhos humorísticos publicados como páginas dos suplementos dominicais. Porém, a forma clássica da tirinha com três ou quatro seqüências só foi criada no início do século XX, passando a ser publicada diariamente nos jornais em preto e branco, formando, no sentido horizontal, uma banda ou *bande dessinée* do francês.

Muitos autores como Carlos Patati e Flávio Braga (2006) consideram que a formatação da tira viria se estabelecer com Bud Fisher, criador dos personagens Mutt & Jeff, em 1907, nos Estados Unidos. Essas tiras eram publicadas nas páginas de turfe de um jornal em que os apostadores tornavam-se personagens e o jóquei e o cavalo protagonistas dos eventos. Já nessa época, exercitavam a autocrítica, mostrando de forma patética o jogo. A compilação das tiras de Mutt & Jeff em 1934 deram origem ao *comic book* ou revista em quadrinhos, como as temos hoje. Uma série chamada “ Sobrinhos do capitão”, de Rudolph Dirks, publicada em 1897, nas páginas dominicais dos jornais, converteu-se em tiras, logo após a criação dos personagens Mutt & Jeff. Essa série de Dirks introduziu o uso dos balões nas falas dos



personagens e mostrou uma das características do gênero, o conflito entre crianças e adultos. Mais tarde, serviu de inspiração para Angeli, em 1987, criar “Os Skrotinhos” , uma versão bem humorada dos moleques, publicada em jornais de todo país. O Brasil também teve sua contribuição na criação da linguagem dos quadrinhos. Em 1869, foi publicado por aqui “ As aventuras de Nhô-Quim” de Ângelo Agostini, uma crítica bem humorada do cotidiano do Império. Esse texto humorístico era bem conciso como as tiras, mas sem ter ainda o mesmo formato delas. Em 1913, surgiu a tirinha de maior longevidade no mercado - *Bringing up father* – por George McManus. A primeira a mostrar satiricamente os conflitos familiares.

Um fator importante para que o gênero se difundisse por outros países, segundo Magalhães (2006), foi a criação de sindicatos nos Estados Unidos, encarregados de contratar desenhistas e espalhar comercialmente as tirinhas para jornais e revistas do mundo todo. Já por volta de 1960, o gênero estava consolidado no mundo todo e servia como fonte de inspiração para vários autores, que criavam seus próprios personagens, embora sem possuir a mesma força mercadológica dos sindicatos americanos.

Aqui no Brasil, o gênero como o conhecemos hoje surge com a tira Bidu nos fins do anos 50, publicada na Folha de São Paulo por Maurício de Souza, criador de outros personagens como Mônica, Cascão , Cebolinha entre outros, e que, a partir da década de 70, ganham forças nas revistas em quadrinhos. No início dos anos 80, a Folha iniciou, ainda que por pouco tempo, a distribuição de tirinhas para outros jornais brasileiros e, nessa mesma época, Ziraldo passa a dirigir uma agência que distribuía tirinhas para vários jornais, onde empregava vários desenhistas, autores de tirinhas conhecidas como Chiclete com Banana, de Angeli e O Condomínio, de Laerte. A agência foi fechada no início dos anos 90. ( NICOLAU, 2007).

A tirinha trabalha com a pluralidade de sentidos e o inesperado de uma situação final, que quebra a expectativa do leitor. Constrói-se com base em uma piada curta de um ou mais quadrinhos, envolvendo, em sua maioria, personagens fixos e estereotipados como, por exemplo, o próprio Hagar, em Hagar, o horrível. Esse personagem, criado por Dick Browne em 1971, nunca

valoriza o trabalho doméstico de sua esposa Helga, sendo fácil identificar esta marca na personagem. Mesmo que as personagens sejam animais ou estejam situadas numa época remota, os temas tratam das condições universais do homem, envolvendo assuntos políticos, sociais, morais ou metafísicos, como em Snoop, um cãozinho, cujo dono, Charlie Brown, preocupa-se com o destino do mundo. São piadas familiares de costumes comuns às sociedades ocidentais que podem ser encontradas em qualquer grupo social. Já o humor local é explorado por um código próprio, entendido apenas por aqueles que vivenciam a cultura do país, pois requer conhecimento prévio do cotidiano.

Pelos jornais brasileiros, além das já citadas, circulam tiras como Calvin & Haroldo de Bill Watterson, Mafalda do argentino Quino, As cobras de Luís Fernando Veríssimo, Chiclete com Banana do brasileiro Angeli, Piratas do Tietê do cartunista Laerte entre outras.

Após essas considerações, cabe lembrar que a ação pedagógica com as tiras deverá ser efetivada em torno de quatro práticas articuladas entre si: oralidade, leitura, análise lingüística e escrita.

Tais práticas, segundo as DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ (2006), serão entendidas como:

#### 1- ORALIDADE:

A oralidade, na sala de aula, não tem sido uma prática muito valorizada, porém é importante, porque possibilita o uso da fala em situações reais em que o aluno vai produzindo seu discurso através de um processo interativo de linguagem. O educando, quando chega à escola, pelo menos domina uma variante oral de sua língua, mas cabe ao professor propiciar atividades que permitam ao aluno tornar-se competente em compreender os diferentes discursos e organizar o seu de forma clara, coesa e coerente. Todas as variedades lingüísticas devem ser respeitadas, porém, sem prejuízo à norma padrão, pois a sala de aula é o espaço de aprimoramento desse

conhecimento, sendo talvez o único para muitos, que possibilita o contato com a norma culta da língua

## 2-LEITURA:

Deve ser tomada como um processo de interação em que o autor e o leitor constroem os sentidos de um texto. Segundo Ângela Kleiman (2000) para compreender o que está lendo, o leitor traz sua experiência sociocultural, determinando, assim, leituras diferentes para cada leitor, conforme seus conhecimentos, interesses e objetivos naquele momento que não são estanques. Assim, não há uma única leitura para um texto, embora, não se possa atribuir a ele qualquer sentido, porque o autor, ao escrever seu texto, fez determinadas escolhas lingüísticas, não aleatórias. Escolhas essas que vão permitindo ao leitor descobrir os sentidos do texto. É nesse processo interativo que o autor escreve para ser entendido pelo leitor, e o entendimento irá depender tanto da habilidade do autor no registro de suas idéias, quanto da habilidade do leitor entender tudo aquilo que o autor escreveu ou insinuou no texto. É com base nesses pressupostos teórico que deverá se desenvolver a prática da leitura no estudo das tiras diárias de jornal.

## 3- ANÁLISE LINGÜÍSTICA:

O texto na sala de aula raramente é tomado como uma unidade de sentido e , mais raramente, como discurso. Ele acaba quase sempre servindo como pretexto para exercícios de classificação gramatical. Nesse tipo de abordagem metalingüística, a leitura e a interpretação não são atividades necessárias aos estudos gramaticais. São atividades separadas: existe a hora da leitura, da interpretação e dos estudos gramaticais que se fazem contextualizados, muitas vezes , em textos, embora estes não sejam tomados como unidades de sentido ou como objetos de ensino, pois o que se tem privilegiado nesses casos é a classificação terminológica. No entanto, para estudantes e professores, as terminologias devem ser tomadas como meio, não como fim. Vale pensar o

porquê, por exemplo, de o autor só ter empregado verbos em determinado texto; qual era sua intenção consciente ou inconsciente com isso. Nesse sentido, o aluno poderá refletir sobre o porquê dessa ou daquela palavra no texto, verificar outras maneiras de dizer a mesma coisa, reconhecer o significado das palavras e construir o saber lingüístico. Fazer, enfim, uma reflexão sobre a língua em uso.

Além de as escolhas lingüísticas do autor colaborarem na construção do sentido do texto, torna-se necessário analisar os elementos externos do texto ou as condições de produção que interagem com os elementos internos e participam da construção do sentido global do texto.

#### 4- ESCRITA:

Torna-se importante dentro dessa perspectiva conscientizar o aluno de que seu texto deve estar adequado às condições de produção exigidas e que ele deve se envolver com o texto produzido, assumindo, de fato, a autoria de seu texto, desejando escrever algo instigante que motive o leitor a querer ler, revisando e reescrevendo.

Cabe ao professor criar, o mais próximo possível, as condições da situação em que socialmente o gênero é produzido. Assim, se as tiras são escritas, a princípio, para serem publicadas em jornais, é importante que, ao final do projeto, haja um espaço para divulgar as produções dos alunos.

Depois de tudo o que foi discutido sobre as especificidades do gênero escolhido para análise, conclui-se que foi criado para ocupar um espaço restrito no jornal, junto com jogo dos erros, palavras cruzadas, passatempos etc. É um gênero voltado para o leitor diário, fazendo uso de narrativas curtas e bem humoradas no estilo das anedotas, não apenas para distrair, mas para provocar uma reflexão sobre as mazelas cotidianas da humanidade. Possui um contexto próprio em que as condições de produção não devem ser deixadas de lado, pois ajudam a compreendê-lo melhor.

Considerando tais condições, o gênero poderá ser caracterizado da seguinte forma: **quem escreve, o que escreve, para quem, para que, por que, quando, onde e como escreve.**

Referências:

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 6.ed. Tradução de Michel e Yara Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens.** 5ª série, 4.ed. São Paulo: Atual, 2006.

GIRARDI, Juliana. **O hilário mundo de Benett.** Gazeta do Povo, 3 set. 2005.

IANNONE, Leila Retroia e Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos.** 5.ed., São Paulo: Editora Moderna, 1996.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 7.ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000

MAGALHÃES, Henrique. **Humor em pílulas: a formação criativa das tiras brasileiras.** João Pessoa: Marca da Fantasia, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. ( org. ) **Gêneros textuais e ensino.** 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

NICOLAU, Marcos. **As tiras de jornal como gênero jornalístico.** Disponível em: <<http://www.insite.pro.br>> acesso em: 12 mai. 2007.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da rede pública de educação básica.** Curitiba, 2006.

PATATI, Carlos; BRAGA, Flávio. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

< <http://www.wikiopedia.org>> Acesso em: 03 jun. 2007

## 2.2-Perspectiva interdisciplinar:

\*Título: A abrangência temática das tiras

\*Texto:

As tiras de jornal, além de ser um ótimo recurso didático para ser explorado nas aulas de Língua Portuguesa, podem possibilitar diferentes abordagens interdisciplinares, pois seus autores se expressam de forma humorística ou sarcástica sobre vários temas científicos, históricos, artísticos, filosóficos, que afligem o cotidiano da humanidade. Devido à abordagem ampla de temas, os autores de livros didáticos, das mais diferentes disciplinas, já perceberam esse filão e muitos escolhem iniciar seus conteúdos por esse recurso, pois, ao utilizá-las, parecem que já estão dando uma abordagem “moderna” ao conteúdo. Assim, as tiras servem para ilustrar e discutir o conteúdo de várias disciplinas, desde história, matemática, geografia, ciências, artes etc. Porém, vamos relacioná-las a três abordagens interdisciplinares: história, ciências e artes.

As tiras muito contribuíram para fazer uma reflexão crítica da história universal ou da história de um país. Não foi por acaso que, em nosso país, durante a ditadura militar, as tiras tiveram o seu auge, como observou Henrique Magalhães em seu livro “Humor em pílulas”. Nesse período, surgiram várias tiras de teor político que faziam uma leitura crítica do momento histórico vivido, burlando a feroz censura da época. Um dos períodos mais tristes da história brasileira contribuiu para que surgissem vários autores do gênero, de grande destaque nacional, como Angeli com “Chiclete com Banana”, Laerte com “Piratas do Tietê”, Luís Fernando Veríssimo com “As Cobras” entre outros.

Além das questões históricas, questões científicas também podem ser discutidas através das tiras. Um bom exemplo são as tiras do cartunista Fernando Gonsales que, por ser formado em veterinária e biologia, sempre trazem temas interessantes relacionados a essas áreas, que podem ser abordados pelo professor de ciências de 5ª à 8ª séries. Na tira de Gonsales, circulam personagens como Níquel Náusea, um rato que vive nos esgotos e é

uma versão satírica de Mickey Mouse, da Disney, e a barata Fliti, trazendo temas como a higiene e o mundo animal.

Artes é outra disciplina que pode relacionar-se às tiras, pois, estas não utilizam apenas a linguagem verbal, mas também a não verbal, em que os professores podem explorar os recursos gráficos e visuais, empregados pelos autores, como o uso da cores ou a ausência delas, para dar o efeito esperado; os diferente tipos de balões; as expressões fisionômicas das personagens, os gestos e muitos outros recursos que podem permitir ao aluno entrar em contato com outras formas de expressão e que colaboram na construção do próprio discurso do aluno.

Referências:

NICOLAU, Marcos. **As tiras de jornal como gênero jornalístico**. Disponível em: < <http://www.insite.pro.br> > acesso em:12 mai.2007.

MAGALHÃES, Henrique. **Humor em pílulas: a formação criativa das tiras brasileiras**. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2006.

### 2.3- Contextualização

\*Título: A teoria dos gêneros e as tiras de jornal

\*texto:

É através da linguagem que o homem se reconhece como ser humano, permitindo com que entre em contato com outros homens, interaja, troque experiências e conhecimentos. Todo processo de comunicação verbal ocorre através de textos orais ou escritos, os quais são elaborados de acordo com a situação histórica e social em que os seus autores se encontram. Esses terão que optar, para se comunicar, por um gênero textual: carta, romance, tira, bilhete, piada, charge etc.

Ao contar ou escrever uma história, o autor fará, consciente ou não, uma seleção, por exemplo, do vocabulário para ser entendido pelo seu interlocutor. Terá que pensar se dará um caráter formal ou informal à história. De que

maneira construirá as frases ou em que tom pronunciará as palavras, se a história for contada.

Enfim, ao produzir um texto, oral ou escrito, deverá levar em consideração a pessoa com quem está falando ou escrevendo, aquilo que imagina que o outro sente, o lugar ou o meio em que o texto será exposto ou publicado, o gênero etc.

Se a história contada ou escrita pertencer ao gênero piada ou à tira de jornal, haverá nesses dois textos narrador, personagens, tempo, espaço etc, ou seja, haverá características mais ou menos comuns aos dois textos que, embora, pertençam a gêneros diferentes, possuem a seqüência tipológica da narrativa.

Bakhtin afirmou que os textos, orais ou escritos, possuem um conjunto de características relativamente estáveis, tenha ou não o autor consciência delas (1997). Essas características configuram diferentes gêneros discursivos.

Assim, analisar as tiras de jornal, sob a perspectiva da teoria dos gêneros, teoria esta citada pelas DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ (p.20-22) , considerando quem diz, como diz, por que diz, o que diz, onde, quando, para quem diz, é um dos caminhos para o aluno perceber a dimensão histórica e social da língua.

Referências:

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. 5ª série, 4.ed. São Paulo: Atual, 2006.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da rede pública de educação básica**. Curitiba, 2006.

### 3- RECURSOS DIDÁTICOS

#### 3.1 Sítios:

Título do sítio: Agência de tirinhas nacionais

Disponível em (endereço web): <http://.tirinhas.com.br>

Acessado em (mês/ano): novembro/2007



Comentário:

Site que reúne vários cartunistas da nova geração para comercializar tiras nacionais para jornais, revistas e outras publicações impressas. O professor poderá acessar para conhecer essa nova geração e discutir a temática atual das tiras.

Título do site: Tirinhas do Gió

Disponível em (endereço web): <http://fotolog.terra.com.br/tirinhasdogio:214>

Acessado em (mês/ano): novembro/2007

Comentário:

Site que divulga as tiras de Gió, cartunista de Vitória (E.S), e traz discussões como, por exemplo, a dificuldade de comercializar as tiras em jornais. Ótimo para o professor escolher algumas tiras para realizar seu trabalho de análise.

### 3.2 Sons e vídeos:

Categoria: vídeo

Título: Garfield - o filme

Direção: Peter Hewitt

Produtora: 20th Century Fox / Davis Entertainment

Duração: 85 minutos

Local de Publicação: EUA

Ano: 2004

Disponível em (endereço Web): <http://www.garfieldmovie.com/home.html>

Comentário:

Garfield é um gato que come e dorme o dia todo, tendo toda atenção do seu dono Jon Arbuckle, interpretado pelo ator Breckin Meyer. Um dia Jon decide trazer o cachorro Odie, com quem passa a dividir a atenção. Garfield, enciumado, começa uma disputa com o cão, tentando afastá-lo da casa. Porém, quando o cachorro é seqüestrado, o gato, arrependido, faz de tudo para salvá-lo. O filme é uma adaptação das tiras criadas por Jim Davis, que também faz uma ponta no filme. O gato é recriado das tiras para as telas com

auxílio da computação gráfica e, na versão brasileira, ganha voz na dublagem do ator Antonio Calloni.

Após o filme, o professor poderá compará-lo com as tiras de Garfield, promovendo uma discussão sobre o tema e ideologia presentes em ambos, contribuindo para desenvolver o senso crítico do aluno.

Categoria: áudio-CD/MP3

Título da Música: Aquarela

Intérprete: Toquinho

Título do CD: Aquarela

Número da faixa:

Número do CD:

Nome da gravadora: Ariola

Ano: 1983

Disponível em (endereço Web): <http://letras.terra.com.br/toquinho>

Texto:

Aquarela

Composição: Toquinho/Vinicius de Moraes/G.Morra/M.Fabrizio

Numa folha qualquer

Eu desenho um sol amarelo

E com cinco ou seis retas

É fácil fazer um castelo ...

Corro o lápis em torno

De mão e me dou uma luva

E se faço chover

Com dois riscos

Tenho um guarda-chuva ...

(...)

Numa folha qualquer  
Eu desenho um sol amarelo  
(Que descolorirá!)  
E com cinco ou seis retas  
É fácil fazer um castelo  
(Que descolorirá! )  
Giro um simples compasso  
Num círculo eu faço  
O mundo  
(Que descolorirá!) ...

(A letra completa encontra-se disponível no site indicado)

Comentário:

A linguagem plástica e visual da música está também presente nas tiras, através das cores, balões, tipos de letras, usados de forma lúdica para, junto com a linguagem, dar-lhes o efeito cômico e metafórico.

### 3.3 Proposta de atividades:

Título: A riqueza didática das tiras de jornal.

\*Texto:

Devido ao seu caráter humorístico, a leitura das tiras de jornal é muito prazerosa para os alunos. Utilizando vários recursos inteligentes de linguagem, elas são capazes de contribuir para o professor discutir várias questões referentes à língua.

Como sugestão, poderão ser desenvolvidas as seguintes atividades:

1- Pedir aos alunos que tragam jornais de casa; o professor também poderá trazer, considerando a dificuldade que muitos alunos têm de acesso a jornais;

- 2- Recortar algumas tirinhas, orientando-os sobre as especificidades do gênero para que possam reconhecê-lo, mostrando ainda que o jornal é rico em outros gêneros como: notícia, artigo, charge, propaganda, classificados...;
- 3- Fazer com os alunos um levantamento do nome dos autores e das séries que mais aparecem nos jornais;
- 4- Verificar se nos jornais analisados há uma produção de autores locais e quais reflexões provocam;
- 5- Selecionar, previamente, algumas tiras para analisá-las, considerando as circunstâncias de produção em que foram escritas – *quem escreveu, o que escreveu, como escreveu, para quem, por que, quando e onde* – e os recursos empregados pelo autor, como a pluralidade de sentidos e o final inesperado. Perceber ainda se esses recursos foram empregados para refletir sobre os problemas que afligem o cotidiano do homem ou para provocar o riso;
- 6- Encontrar um profissional em artes gráficas que explique como são feitas as tiras de jornal e até que ponto o computador pode ajudar nessa área (opcional);
- 7- Considerando que o gênero trabalha com uma linguagem implícita e metafórica, o que o torna complexo para uma 6ª série, pedir aos alunos que pesquisem pequenas histórias do cotidiano – anedotas - porque estas também trabalham com processos semelhantes à tira para provocar humor.
- 9- Reunir os alunos em dupla para que escolham uma dessas histórias pesquisadas;
- 10- Transformar a história escolhida em uma tirinha, lembrando que o professor precisará determinar as circunstâncias de produção em que serão escritas.
- 11- Criar um espaço para divulgar as produções dos alunos, através de exposições no mural; publicação no jornal da escola, bairro ou cidade, ou criação de outro espaço, a critério do professor.

Além das atividades citadas, outra sugestão seria separar com os alunos algumas tiras do jornal, pedindo que recortem fora as falas dos balões, deixando apenas os desenhos. Em seguida, o professor pode determinar uma palavra com duplo sentido que possa ser utilizada na tira recortada. A seguir, os alunos podem recriar as falas, empregando essa palavra. Novamente, o professor, ao desenvolver a atividade, não poderá esquecer de determinar, com os alunos, as circunstâncias de produção em que serão reescritas as tiras.

\*Referência:

CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Silvia Letícia de. **Viva português**: manual do professor. 5ª série, São Paulo: Ática, 2006.



### 3.4 IMAGENS:

As duas imagens selecionadas lembram que as tiras são ricas em recursos visuais (onomatopéias, cores, tipos de balões, letras etc) e leituras prazerosas para os alunos, pois são elaboradas através de inteligentes processos humorísticos de linguagem.

## 4- RECURSO DE INFORMAÇÃO

### 4.1 Sugestão de leitura:

Categoria: artigo

Sobrenome: MARCUSCHI

Nome: Luiz Antônio

Título do artigo: Gêneros textuais: definição e funcionalidade.

Disponível em: Gêneros textuais e ensino.

Sobrenome: DIONÍSIO

Nome: Ângela P.

Sobrenome: MACHADO

Nome: Anna R.

Sobrenome: BEZERRA

Nome: Maria A. ( org.)

Edição: 2ª edição

Local de publicação: Rio de Janeiro

Editora: Lucena

Ano de Publicação: 2003

**Comentários:**

Neste artigo, Marcuschi define tipo textual e gênero, diferenciando-os. Mostra que é “impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto”. Afirma que os textos produzidos, orais ou escritos, possuem características mais ou menos estáveis, tenhamos ou não consciência delas.

Categoria: livro

Sobrenome: MAGALHÃES

Nome: Henrique

Título do livro: Humor em pílulas: a força criativa das tiras brasileiras.

Edição:

Local de publicação: João Pessoa

Editora: Marca da Fantasia

Ano de publicação: 2006

**Comentários:**

Mostra o quanto o humor está presente nos quadrinhos e como ganhou o seu formato preferencial nas tiras. Faz também um histórico de como surgiram as tiras e comenta sobre as dificuldades dos autores, na atualidade, para divulgar seu trabalho.

Categoria: livro

Título: Que gramática estudar na escola?

Sobrenome: NEVES

Nome: Maria Helena de Moura

Edição:

Local de publicação: São Paulo

Editora: Contexto

Ano de publicação: 2003

**Comentários:**

Entre os vários assuntos discutidos, a autora mostra que é possível fazer uma análise diferente das tiras, sem que seja aquela feita pelos livros didáticos que, em sua maioria, priorizam a gramática tradicional.

#### 4.2 Notícias:

Revista on-line:

Título da notícia: Proteção aos quadrinhos nacionais

Sobrenome: NALON

Nome: Tai

Disponível em ( endereço Web): <http://www.re-vista.info>

Comentário:

O autor discute o projeto de lei 6.581/06, que circula pelo Planalto Central, estipulando que 20% de toda publicação editorial dos quadrinhos em geral deve ser nacional. A seguir, mostra a opinião dos cartunistas Laerte e André Dahmer sobre o projeto.

#### 4.3 Destaque:

Título: A hora e a vez das tiras brasileiras

Sobrenome: JOBIM NETO

Nome: Ruy

Disponível em (endereço web): <http://www.bigorna.net>

Comentário:

As tiras estão deixando de ser publicadas em jornais para ser divulgadas na internet ou em livros muito coloridos, tornando-se artigos caros. Estão perdendo, com isso, o seu “material popular” e deixando de ser “pílulas de humor diário”.

#### 4.4- PARANÁ:

\* Título: Benett, um paranaense no universo das tiras.

\* Texto:

Segundo Waldomiro Vergueiro em seu artigo “Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição”, muitas tiras ou histórias dominicais têm dificuldade para ter a sua memória preservada, porque são publicadas em jornais, cujo material é o papel, que se perde com facilidade, podendo, até mesmo, servir de embrulho e passar despercebido por alguns. Devido a essa dificuldade, muitas tiras populares foram reunidas em antologias e publicadas em formato de livros. Com a popularização da internet, outra solução encontrada foram as “webcomics”, também conhecidas por “online comics” ou “web comics”, histórias em quadrinhos publicadas na internet, as quais foram evoluindo até ganhar o formato das tiras.

Por esse caminho tem seguido o paranaense Alberto Benett, cartunista da Gazeta do Povo e autor de tiras com personagens conhecidas como Punkadinha e Salgadinhos Radioativos. Para comercializar a sua produção artística, como tiras e cartuns, e discutir vários assuntos, criou o blog [www.benett-o-matic.blogspot.com.br](http://www.benett-o-matic.blogspot.com.br). Benett é natural de Ponta Grossa, onde teve a sua primeira tira publicada aos 16 anos. Foi vencedor, em primeiro lugar, na categoria tiras, em 2005, do 32º Salão Internacional de Piracicaba, um dos eventos mais importantes do gênero, reunindo cartunistas de 27 países. No júri estavam cartunistas como Angeli, Chico Caruso, Zélio, Zivaldo, entre outros. Benett concorreu na época com o que ele chamou de “Galeria de Personagens fracassados”, personagens que nunca havia conseguido publicar. Colocou esse nome, segundo ele, para “ver se conseguia causar um pouco de pena nos jurados.” ( GIRARDI, 2005)

No blog citado acima, em umas de suas entrevistas, diz ter sido influenciado por cartunistas como Angeli, Laerte, Adão..., com revistas publicadas nos anos 80 e pelo Pasquim, da época da ditadura, afirmando ainda que a nova geração de cartunistas continua “ideológica, libertária”, como nos anos 70 e 80.

Lançou recentemente, segundo o mesmo blog, a revista “ Zongo Comix”, uma revista de humor no estilo de “ Chiclete com Banana” e “Casseta e Planeta” em colaboração com Jean, André Dahmer e Arnaldo Branco, cartunistas da nova geração. A revista pode ser encontrada nas lojas especializadas em Curitiba, Rio e São Paulo ou pelo site [www.zon.gocomix.com](http://www.zon.gocomix.com).



Assim, há no Paraná um cartunista de destaque no cenário nacional. Seu nome é Benett.

Referências:

GIRARDI, Juliana. **O hilário mundo de Benett**. Gazeta do Povo, 3 set.2005.  
VERGUEIROS, Waldomiro. **Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição**. DataGramaZero – Revista de Ciências da Informação – v.6, n.2, abr/05  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/ Banda\\_desenhada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Banda_desenhada)>Acesso em: 03 jun. 2007.  
<[www.benett-o-matic.blogspot.com.br](http://www.benett-o-matic.blogspot.com.br)>Acesso em: 08 out.2007.